

Água salgada pode substituir água doce e afetar agricultura, alertam especialistas

28 de Agosto, 2017

A seca está a provocar a diminuição dos caudais dos rios e a substituição da água doce por água salgada, que afeta terrenos agrícolas e mesmo aquíferos, alertam especialistas ouvidos pela Lusa.

Em 2004/2005 a maré alta no rio Tejo chegou a Valada do Ribatejo, concelho do Cartaxo, e em Vila Franca apanhavam-se corvinas e robalos (peixes de água salgada que toleram água de baixa salinidade), recordou à Lusa Eugénio Sequeira, ambientalista e antigo presidente da Liga de Proteção da Natureza. E agora, acrescenta, está a acontecer de novo, “em qualquer rio, em Aveiro, em Coimbra, na foz do Guadiana...”.

Mas além da entrada da água do mar rios dentro a especialista em recursos hídricos Carla Graça, da associação ambientalista Zero, aponta “a introdução salina nos aquíferos” (reservas de água subterrâneas) como outra consequência da seca.

Na página da Agência Portuguesa do Ambiente (APA), dados do final de julho indicam que parte das massas subterrâneas observadas “se apresentam, na generalidade, inferiores às médias mensais” e que em 25 delas os níveis de água são “significativamente inferiores” aos valores médios mensais.

Também questionado pela Lusa, o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) admitiu que diminuindo o caudal dos rios “há uma maior intrusão de sais vindos do mar, que podem originar mais sais na água de rega e, conseqüentemente, provocar a sua acumulação no solo”.

No entanto, acrescenta, se no inverno seguinte à seca chover normalmente os sais acumulados são lixiviados e a água dos rios também volta à sua salinidade normal. “Só um ano de seca não irá tornar os terrenos improdutivos”, conclui o INIAV.

Eugénio Sequeira entende no entanto que “a rega, a longo prazo, vai ser um problema complicadíssimo”. E fala da seca mas também dos fogos e das cinzas depositadas nas albufeiras. “Que água vamos beber quando começar a chover?”, questiona.

O especialista fala de outro problema que os solos vão enfrentar, a alta concentração de sódio. O Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas diz, em informação disponível ‘online’ que a sodização é a maior ameaça da salinização e que o sódio tem um efeito negativo no crescimento das plantas.

A solução é “lavar” os terrenos e para isso é preciso mais água, que não há, diz Eugénio Sequeira. “Quanto mais seca mais água é necessária. Estamos a

caminhar a passos largos para a catástrofe”, por causa da seca, das alterações climáticas, do desordenamento e da incapacidade dos portugueses de trabalharem em conjunto, resume Eugénio Sequeira.

Filipe Duarte Santos, investigador e professor da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, presidente do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável, resume assim os problemas: já estamos a sofrer as consequências das mudanças climáticas.

Em toda a região mediterrânica houve nos últimos 55 anos uma redução da precipitação de 40 milímetros por década, e “isto afeta muito tudo o que depende dos recursos hídricos, a disponibilidade de água, a qualidade, a agricultura, a intrusão salina”, diz o professor.

Em resumo também, diz Filipe Duarte Santos: “a situação é grave”. E em Portugal, se não chover nas próximas semanas a água que vem dos rios que nascem em Espanha será menos e com menos qualidade.

A seca, as ondas de calor, é algo a que temos “de nos adaptar”, afirma, admitindo que o futuro possa passar pela dessalinização da água do mar.

Até lá “estamos a brincar com coisas sérias”, afirma Eugénio Sequeira, assumidamente irritado com o que vê, ou que não vê, que cita estudos que admitem que o deserto do Saara vai chegar ao rio Tejo, que alerta para as cinzas dos incêndios que são hidrófobas (impedem a infiltração da água).

“A prioridade é reter as águas nas encostas, é o que se deveria fazer onde houve fogos. É preciso fazer charcos onde a água se infiltrasse. E isso não está a ser feito em lado nenhum”, avisa. Não há, conclui, ordenamento, medidas de fundo.

E Carla Graça ainda acrescenta outro dado: “nos incêndios há a queima de biomassa que provoca a formação de compostos voláteis que são cancerígenos. Vão para a atmosfera e depois depositam-se no solo. No ano passado foram encontrados concentrados elevados em Vila Velha de Ródão”.

O INIAV sugere que em anos de seca se faça uma melhor gestão da água de rega mas a Zero diz que o Programa Nacional para o uso Eficiente da Água está “na gaveta há quatro anos”, e que as medidas preconizadas pela Comissão de Acompanhamento da Seca de 2012 não foram implementadas. Sobre isso Eugénio Sequeira teria uma pergunta a fazer.